

A CONCEPÇÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

*Leonéa Vitoria Santiago **

(...) Precisamos de um novo "paradigma" – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepção e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e susceptíveis de dominar a década atual. (Fritjof Capra in "O Ponto de Mutação", p. 14).

Cada povo tem sua fisionomia e a educação como um todo deve corresponder a ela, cultivando valores, preenchendo carências, preparando homens para assumirem com originalidade e criatividade a caminhada.

O profissional de Educação Física ainda não se deu conta da importância do seu papel como agente transformador. Enquanto estiver preso a essa visão mecanicista de mundo e consequentemente de homem, estará contribuindo para uma sociedade que não comporta mais corpos fragmentados, trabalhados sempre de formas estanques, sem considerar a totalidade a que eles pertencem. Urge, assim, definirmos o termo "holístico": – que vem de "holos", totalidade, refere-se a uma compreensão da realidade, em função de totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores.

Torna-se necessário, portanto, clarificar as idéias desses profissionais, para que possam ter uma atuação mais comprometida com a sociedade.

A LINGUAGEM DO CORPO

*Fernando Lins de Carvalho ***

O entendimento de um sistema cultural exige, como premissa básica, a apreensão de sua dinâmica. O homem cria impellido como ser consciente para ordenar e avaliar. "O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa.

Ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando." (1)

Ao ordenar e avaliar a sua circunstância o homem manipula conceitos e mitos, emoções e objetos: torna-se um ser substantivo, multiplicando-se, transformando.

As mãos, aríetes do expansionismo humano, viabilizam o mergulho do indivíduo em seu ethos. Da violência ao afeto, do trabalho ao lazer, do gesto ao ato, as mãos do homem são a materialização do pensamento.

E o primeiro conhecimento do mundo que o cerca, da sua circunstância, é o seu próprio corpo.

Aos poucos, à proporção em que as mãos o exploram, dá-se um domínio físico do universo primeiro do ser humano. No entanto, os impactos culturais adicionam ao corpo uma linguagem: a simbologia do gesto. A sensualidade, a languidez, a indolência, a rispidez, estados da introspecção espiritual são projetados pela transparência da epiderme cultural que envolve o corpo humano.

O homem entendeu que o seu corpo não é apenas um invólucro do seu potencial para apreensão, mas o vetor que o leva a se comunicar, a entender o seu espaço enquanto ser criador.

Portanto, ao estabelecer essa massa crítica sobre si mesmo, o homem passa a utilizar o seu corpo como o componente maior de sua comunicação social porquanto ao expressar seus pensamentos ele necessita de uma constante liberação de sinais fonéticos e gestuais mas, o corpo, no seu aparente silêncio, compreende um permanente painel que o introduz ou não de forma adequada ao convívio social.

Constrói-se então a estética do corpo, presente em todas as culturas humanas.

Assim, a cada época e contexto cultural são estabelecidas determinadas condicionantes para uma melhor comunicação de presença pelo corpo. Em culturas, a adiposidade concentrada em determinadas partes do corpo feminino, por exemplo, tem significantes sensuais; em outras a dilatação do lábio inferior reforça a estética facial, etc.

Há, no entanto, além do aspecto me-

* Professora de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFS e da Rede Municipal de Ensino - Aracaju - SE.

** Professor do Departamento de Psicologia e Sociologia - Setor de Antropologia da UFS.

(1) OSTROWER, Faiga - "Criatividade e Processo de Criação", Editora Vozes, 1983, pág. 10.

ramente estético do corpo, um outro importante conteúdo: o da condensação do universo no ser. O homem talvez seja, em uma visão etnocêntrica, a melhor síntese do universo. E como tal, o homem tem ânsia do infinito.

Compreensível acompanharmos a angústia de Ícaro ao se projetar no espaço ou a dor de pulmões dilatados por um Fernão Capelo Gaivota que não apenas aceita a superfície das águas.

O homem tem no seu corpo o desejo de reproduzir o universo. Daí que a sua dinamogenia o leva a querer correr, pular, saltar, mergulhar, dançar, réplicas quase perfeitas da natureza. A sua ânsia é atingir pontos cada vez maiores de velocidade, altura, profundidade.

E como oportunizar-se largo, belo, se não dilatado e esculpido por práticas físicas estarrecidas pelos códigos culturais?

Eis, ao meu ver, o sentido das práticas esportivas e condicionamentos físicos.

●

“ALÉM DOS DOGMAS” UMA LIÇÃO DE QUADRA PODE SER UMA LIÇÃO DE VIDA

*Thelma Alves de Oliveira **

Sem dúvida o jogo é o recurso pedagógico mais rico, é uma linguagem universal e, muito mais do que isto, uma necessidade humana. Quem pode dizer que não joga? Talvez não o futebol, volei ou truco e bate-ombro mas faz uma brincadeira em casa com as crianças; inventa uma história; aposta na loto; joga baralho... se não realiza um jogo corporal realiza um intelectual, de azar ou verbal. Ele está presente na vida das pessoas. E por que isto? Porque ele traz possibilidade de realização do desejo – o que move o ser humano – seja ela a nível concreto, simbólico ou de fantasia. Através do prazer pela atividade motora, pela emoção do inesperado, pelo convívio com grupo, pelo aprendizado do movimento etc., pois no jogo é permitido ERRAR, é possível criar, não é cobrado o compromisso com a realidade, é possível brincar. Porque jogando é possível ser livre. “Só joga quem é livre e só é livre quem joga”(1). Esta inti-

midade de convivência com a liberdade é sua máxima expressão. E ele será tanto mais verdadeiro, quanto menos amarras tiver.

No jogo onde as regras são criadas junto com ele – jogo espontâneo – existe mais chance do desenvolvimento da criatividade e da espontaneidade. Mas isto não é totalmente verdadeiro, ele pode estar preso a esquemas pessoais e/ou de grupos, tão rígidos quanto as regras pré-estabelecidas ou vivido pela pessoa como religião e não com ludicidade. O mesmo acontece no desporto, que possui suas regras e fundamentos estabelecidos universalmente e muitas vezes é jogado numa seqüência repetitiva e obsessiva, sem chances de vôos criativos, isto também não é totalmente verdadeiro.

O pré-estabelecido pode funcionar como ponto de partida para se criar situações inéditas e é isto que acontece, pois do contrário não existiria público para assistir a uma partida.

Vimos que não depende do que se joga mas também de **como** se joga, e o trabalho do educador está justamente aí, em desvendar estes “segredos” e descobrindo-os utilizá-los de acordo com seu projeto educacional. **Mais importante que o domínio da técnica é saber o que se pretende com ela.** É preciso conhecer os instrumentos que se tem a explorá-los em todas as suas possibilidades pedagógicas. Se nem o jogo espontâneo se garante como uma proposta aberta e criativa e nem o desporto como fechada e rígida é necessário rever alguns dogmas criados dentro da Educação Física hoje, como também acabar com uma rivalidade infantil e maniqueísta da recreação que nega o esporte e vice-versa como se fossem antagônicos e não complementares.

A dialética do jogo precisa ser compreendida e aprofundada. Num desporto coletivo a competição e a cooperação acontecem com a mesma intensidade porque o resultado do conjunto só poderá vir da integração das partes. Uma equipe quanto mais se ajuda mais se fortalece. Sua força está na cooperação que só é revelada no confronto com o outro.

Nesta contradição reside o grande potencial educativo do esporte e saber aproveitá-lo é tarefa do professor-educador.

* Diretora do Departamento de Esporte e Recreação - Curitiba - PR.

(1) BALLY, Gustavo em “O Jogo como Expressão da Liberdade”

Mais importante que ganhar é poder jogar, mais importante que uma boa jogada é ajudar o companheiro a fazê-la, tão importante quanto ser companheiro é ser honesto e jogar com garra.

Portanto não se trata de restringir estratégias, quaisquer que sejam poderão ser rígidas ou abertas conforme o projeto educacional que as contém. Trata-se de realizar uma opção ideológica sobre a educação: reproduzir ou transformar. E, sem dúvida a nossa é de transformação, sem preconceitos nem dogmas, mas com a determinação de educar através do movimento para a dinâmica da vida.

"Os que inovam são os que mais sofrem, mas também, os que são capazes de mais felicidade". (Geir Campos). Esta, sim, com certeza é uma afirmação verdadeira.

●

ESPORTE: PRESERVAÇÃO DA VIDA OU PRÁTICA DE MORTE?*

*Prof. Wagner Wey Moreira ***

UNICAMP

A perda da vida é um fato a se lamentar. Muito maior deve ser o pranto, quando vidas são ceifadas em nome da alegria ou da festa. Isto provoca inquietação, e lembramos o dizer de Antônio Cândido que "a inquietação é um estímulo para renovar posições, não petrificá-las".

O acontecimento destes últimos dias, ocorrido num campo de futebol da Inglaterra, onde uma centena de pessoas perderam a vida, detonou inquietações que esperamos, sirvam para uma reflexão radical e rigorosa do fenômeno esporte. Aqui, gostaríamos de alinhar dois pontos para esse pensar:

1) Interessante notar a primeira reação perante a notícia. Um número significativo de pessoas indagava de quem seria a responsabilidade pela tragédia, como se a reação em massa (ou instinto de manada) nada tivesse a haver com o fato. Estas pessoas não questionavam, por exemplo, por que esses torcedores, fanaticamente, pressionavam os portões do estádio, mesmo sa-

bendo que não havia mais espaço disponível para eles assistirem ao jogo. No entanto, todos estavam preocupados em saber qual o nome do policial que abriu o portão. Esquivamo-nos de analisar o fato como uma responsabilidade decorrente de um valor social, ou de uma visão de mundo, para incriminarmos um indivíduo e esquecer o acontecido.

2) Interessante notar também como esse fenômeno esporte é veiculado nos meios de comunicação principalmente a televisão. O esporte, ou é louvado como um novo deus, que preservará a vida através da paz, cantada em versos e prosa em momentos como os Jogos Olímpicos (para tirar dúvidas, vejam, em qualquer canal, as narrações apaixonadas das solenidades de abertura e encerramento dos Jogos), ou é um vilão que fere atletas, promove atos escusos como o dopping ou até mata centenas de pessoas. Personifica-se o esporte, como se ele fosse uma entidade autônoma e não a decorrência da forma pela qual nós o trabalhamos, valorizamos e divulgamos.

Como não acreditamos num conceito de esporte independente dos valores praticados pelos sujeitos em sociedade, afirmamos: para a sociedade que valoriza a competição, o individualismo, a filosofia de que o certo é levar vantagem mesmo significando que para isso outros levem desvantagem, o esporte objetivado pelos indivíduos dessa sociedade terá conotação dogmática, com torcedores fanáticos, onde se cobrará dos times o lema "vencer ou morrer". Este esporte, fruto desta sociedade, será um esporte para a morte. No entanto se esta mesma sociedade luta por oferecer condições mais justas de vida à sua população, onde estão presentes a participação, a liberdade, a honestidade, o incentivo à cooperação, é possível que o esporte aí praticado leve ao congraçamento, à troca de experiências, ao respeito ao ser humano, à vida, enfim.

O importante é constatar que o esporte, tanto como preservação da vida ou prática da morte, é sempre reflexo dos valores que permeiam a sociedade onde ele se insere. O esporte não é um produto alienígena; sua ação revela o processo social.

* Publicado no periódico A TRIBUNA - Edição Regional Piracicabana, quinta-feira, dia 20 de abril de 1989.

** Professor da Universidade Estadual de Campinas.

DIAGNÓSTICO NUTRICIONAL E SUAS RELAÇÕES COM A SAÚDE E O ESPORTE ESCOLAR

*Roberto José Tenório de Lira **

A avaliação do estado nutricional de populações é assinalada por vários estudos como um procedimento de permanente interesse em Saúde Pública, principalmente nas regiões subdesenvolvidas, onde a alta prevalência da desnutrição energético-proteica (DEP) assume proporções de verdadeira epidemia.

Eduardo Marcondes, professor de pediatria da FMUSP e chefe do grupo de Crescimento do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP, assinala ser a avaliação do estado nutricional uma das partes mais importantes do exame clínico da criança e que caracterizar este estado é uma filosofia que distingue a boa pediatria.

Carlos Augusto Monteiro, do departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP, considera a avaliação do crescimento um sensível aferidor das condições de saúde do indivíduo, uma vez que, através da vigilância do crescimento, é possível alertar profissionais de saúde e comunidades para formar insidiosas e crônicas da desnutrição.

O crescimento humano, pós-natal, caracteriza-se por três períodos distintos:

- Primeira Infância, que vai do nascimento aos 2 anos aproximadamente;
- Segunda Infância, tem início no final do primeiro período e se estende até aproximadamente os 10 anos;
- Adolescência, inicia-se no final do segundo período e estende-se até aproximadamente os 20 anos.

A DEP, quando instalada nestes períodos de crescimento, além de comprometer o crescimento somático, provavelmente compromete também o desenvolvimento neuropsicomotor. No **primeiro período** as estruturas neurais diante de um episódio de DEP, dependendo da gravidade, sofrem variados graus de atrofia, comprometendo irreversivelmente o desenvolvimento neuropsicomotor. No **segundo período**, a DEP, quando já instalada, mantém elevada a prevalência de morbi-mortalidade, principal-

mente nos primeiros anos; aos que sobrevivem resta conviver com uma desnutrição crônica e suas seqüelas, se nada for feito para uma possível recuperação. No **último período** (adolescência) a DEP continua sua ação insidiosa. Ademais, retardo o início da puberdade, em média, por três anos, e, como crescimento e desenvolvimento são processos contínuos, os danos produzidos nos períodos anteriores logicamente se refletem, se prolongam e podem até ser agravados no caso da adolescência.

Embora se reconheçam os pré-escolares como o grupo de maior vulnerabilidade aos agravos da desnutrição, em face da incidência de morbi-mortalidade decorrente dos problemas nutricionais, não é justificável deixar de considerar relevante a avaliação nutricional nos grupos de escolares e adolescentes, dadas as evidências de uma elevada prevalência da desnutrição crônica, principalmente nas camadas sócio-econômicas menos favorecidas.

A DEP em escolares e adolescentes, além de restringir o crescimento somático geneticamente pré-determinado, possivelmente compromete o desenvolvimento, através da instalação de processos patológicos que acarretarão, sem dúvida, prejuízos na qualidade de vida futura.

Crescimento, desenvolvimento e nutrição constituem fenômenos indissociáveis. Conhecer e acompanhar estes fenômenos é certamente um dos objetivos mais relevantes na preservação da saúde (entendida como qualidade de vida e não como ausência de doença) de escolares e adolescentes, e garantir uma melhor qualidade de vida a estes grupos etários é responsabilidade de toda a sociedade, principalmente do setor saúde e educação.

O corpo humano, semelhante a uma máquina, requer combustível para o seu funcionamento. Isto é, necessita de energia para o seu "trabalho interno", tais como a ação do coração na circulação do sangue, os movimentos do diafragma ao respirar, a produção de calor (termogênese) para manter a temperatura do corpo, etc.; este "trabalho" é conhecido como Metabolismo Basal (MB). Além da energia (combustível) para o seu funcionamento interno, a máquina humana requer um combustível adicional para o trabalho externo efetuado pelos músculos, tais como movimentar o corpo, manter a pos-

* Professor do Departamento de Educação Física da UFPE.

tura, levantar e carregar pesos, enfim, para as diversas atividades do dia a dia.

Enquanto o motor de um carro necessita de álcool, gasolina ou diesel para o seu funcionamento, a máquina humana utiliza como combustível a energia química presente nos alimentos, isto é, a energia oriunda dos carboidratos, gorduras e proteínas. Tem sido de hábito expressar o conteúdo de energia dos alimentos e as necessidades do homem em termos de quilocalorias termo-químicas ou simplesmente "quilocalorias" ou "calorias". desta forma as necessidades energéticas do homem são expressas em Kcal/min, para suas funções internas ou atividades desenvolvidas.

Para seu trabalho interno MB a máquina humana de referência, isto é, um homem ou mulher de 25 anos de idade e pesando 65kg e 55kg, respectivamente, requerem, aproximadamente, 1 kcal/min, quando estiver deitado, dormindo ou repousando. Estas necessidades são duplicadas quando se anda normalmente ou são quadruplicadas quando se anda a passos rápidos. Com trabalho pesado como utilizar pá ou picareta, ou em atividades esportivas, estas necessidades podem subir a oito vezes e excepcionalmente, desempenhos de 1ª classe em alguns esportes podem elevar estes gastos a dezesseis vezes as necessidades de repouso.

Além da energia necessária para o seu funcionamento e trabalho, a máquina humana requer combustível adicional para o seu crescimento somático. Isto faz com que as necessidades energéticas do adolescente sejam maiores do que em qualquer outra época de sua vida.

Assim, as necessidades nutricionais dependem da idade, das dimensões corporais, do sexo, do clima, do tipo de trabalho ou atividade do dia a dia. Assume-se que no homem e na mulher de referência seus gastos de energias diárias montam a 3.000 e 2.200 kcal respectivamente.

Quando se verifica o consumo médio do brasileiro, segundo estatística do Banco Mundial, observamos que apenas 32,8% da população brasileira recebem alimentação suficiente, se nos reportarmos especificamente ao nordeste, 79,5% da população apresentam déficit de consumo de calorias. Diante deste quadro sabemos que ao lidarmos com nossa população vamos encontrar três grupos distintos: os que têm uma so-

bre-alimentação, os que têm uma alimentação adequada e aqueles que têm uma subalimentação. Se sabemos que os requerimentos nutricionais exigidos para atender às necessidades de trabalho externo, isto é, o trabalho efetuado pelos músculos, é diferenciado em função do tipo de atividade, é claro que não podemos propor o mesmo tipo de atividade física para estes três grupos.

O conhecimento do estado nutricional do escolar e adolescentes, pelo professor de Educação Física, além de orientar ações na promoção de saúde destes é um balizador na elaboração de seus programas de ensino e treinamento.

DENUNCIANDO

*Profª Lígia Menezes de Almeida **

Na cidade de Aracaju, em abril/89 ocorreu o seguinte fato.

Durante o ano letivo de 1988 uma aluna da rede estadual de ensino deixou de frequentar as aulas de Educação Física sendo avisada pelo professor que seria reprovada. Sem se manifestar, a aluna continuou a faltar. No final do ano, como não poderia deixar de ser, a referida aluna ficou na recuperação e novamente avisada pelo professor a aluna não se pronunciou e portanto conforme a legislação, ficou reprovada.

Não se sabendo "bem" o porque, a aluna entrou com um processo no Conselho Estadual de Educação, através de um conselheiro, requerendo sua aprovação alegando que era pobre, tinha mais 6 irmãos e que precisava tomar conta dos irmãos para a mãe ir trabalhar, e isso ocorria no horário da aula.

O conselho estadual de educação, que tem como finalidade regulamentar, legislar e coordenar o ensino, levou à plenária o processo. O conselheiro fez a devida defesa do processo argumentando com base na alegação da aluna, levando os demais conselheiros ao nível mais alto da emoção, culminando em lágrimas. E nesse clima emocional o processo foi votado, dando ganho de causa para a aluna, por quase unanimidade, inclusive a representante jurídica do conselho votando a favor da aluna indo de encontro a lei que regula o ensino.

Após um dia do término da plenária

* Professora da Rede Municipal de Ensino - Aracaju-Se.

um conselheiro honesto, crítico, responsável e comprometido com a educação, reuniu alguns professores de educação física, relatou o acontecido e se propôs junto com os demais professores a averiguar todos os fatos e modificar o parecer final dado pelo conselheiro que o defendia.

Ao se escutar o outro lado da história - o professor, técnico e diretor da escola - constatou-se que a argumentação utilizada no processo tinha sido mentirosa e imoral.

A presidência do conselho, sensibilizada com o problema e conhecedora da real história, convidou o conselheiro ao seu gabinete juntamente com o professor da aluna, representante da equipe técnica e direção e depois de todo o esclarecimento necessário o conselheiro se comprometeu em voltar atrás no seu parecer. Levou de volta ao plenário a discussão sobre o processo e pediu aos demais conselheiros que modificassem seu voto e conseqüentemente o parecer do processo.

Diante disso eu pergunto:

± Se caso não houvesse um conselheiro comprometido com a educação, como ficaria esse caso?

- Se é a lei a base legal para se analisar um processo, por que desrespeitá-la? E aí qual é de fato a finalidade do conselho?

OS PRESIDENCIÁVEIS E O ESPORTE

Vivemos o momento da campanha presidencial. Os candidatos têm apresentado seus pontos de vista sobre temas variados e relevantes para o Brasil, nos próximos cinco anos.

Apresentaremos, aqui, o posicionamento dos candidatos *Fernando Collor de Melo, Mário Covas, Paulo Maluf, Afif Domingos e Luis Inácio Lula da Silva* sobre o Esporte.

A) O PRESIDENCIAL FERNANDO COLLOR DE MELLO E O ESPORTE *

JS - Qual o entendimento do Candidato sobre a organização atual do esporte no Brasil, e quais as prioridades que o Candidato irá adotar para fortalecer uma política de esporte no seu programa de governo:

Collor - Estabelecer o desporto nacional como prioridade de governo. Para isto

seria feito citações da institucionalização de uma Secretaria do Desporto Nacional diretamente vinculada ao Gabinete Civil e à Presidência da República, como forma de darmos uma dimensão política organizacional ao esporte de uma maneira geral, e, a partir daí, adotar este organismo de poder de decisão, condições e recursos necessários para que ele possa desenvolver as suas atividades.

JS - Na atual Constituição, está previsto no Art. 217 o dever do Estado em garantir para as pessoas o direito da prática desportiva. Quais as diretrizes que serão estabelecidas ao seu Governo para a Educação Física?

Collor - Este é um ponto que vem sendo muito abandonado pelas escolas. Vejo meus filhos, por exemplo, terem aulas de educação física, mas não é como na minha época, que não faz tanto tempo assim. Estudei em escola secundária, e, naquela época, havia educação física. Os professores iam, mas muitos alunos não gostavam. Fazíamos exercícios para valer. Uma aula era de futebol, outra de vôlei, e assim por diante. E havia a determinação da escola e dos professores de dar aulas de educação física. Hoje, isto já está perdendo um pouco a importância. É preciso haver uma exigência nível curricular, que seja aplicada, porque está sendo levada na brincadeira. Não pode ser assim. Temos que realçar as aulas de educação física. Mas basta darmos uma orientação irmanada de cima, e que seja de interesse absoluto e prioritário do Governo. Acredito que este exemplo venha a ser seguido por todas as escolas, porque até nas escolas públicas estarem os preocupados em incentivar e fazer com que esta determinação seria cumprida.

-JS - Que tipo de participação terão as Instituições esportivas e de Educação Física em seu Governo?

Collor - A participação de todos é fundamental. Gostaria que me fosse dado um documento contendo o que os presidentes das federações e confederações esperam que o futuro Governo venha a realizar. É imprescindível para que este programa dê certo a participação de todos os que estão motivados para estabelecer esta prioridade.

JS - A criação de um centro de capacitação física integrando ensino, pesquisa e desporto é imperativa e prioritária para

* Reprodução das perguntas e respostas da entrevista realizada e editada pelo Jornal dos Sports de 31/05/1989.

melhorar o desporto do Brasil e as condições de saúde da população. O candidato irá criá-lo a curto prazo?

Collor - Isso também é possível. Apenas desejo que neste detalhamento os senhores me dêem esta diretriz. Me falta o conhecimento necessário para poder de pronto lhes responder. Mas se isso for colocado neste documento que os senhores das Confederações não me entendam como prioridade, não tenha dúvida de que poderei estabelecer sem problema.

-JS - Quais as condições que o candidato irá tomar para incentivar os esportes olímpicos a fim de que o Brasil possa melhorar a sua posição no cenário internacional”.

Collor - O Brasil vem tendo uma participação nas olimpíadas que nos têm trazido algumas alegrias. Mas poderíamos ter uma participação bem melhor. Falta o incentivo, o cuidado. Os nossos torcedores que foram a Seul, nos exames a que foram submetidos, detectaram que estavam com a saúde debilitada, com doenças mínimas como verminose. E isso é algo inconcebível num atleta olímpico brasileiro. Falta um incentivo do Estado. E não só do Estado. Falta coordenar esta política, com a participação da iniciativa privada. Me lembro que o Antônio Carlos de Almeida Braga deu um grande incentivo quando começou com a criação de times de vôlei, e vários talentos foram descobertos. A iniciativa está habilitada e disposta a investir. O que falta é uma coordenação oficial. Um órgão que coordene esta integração do capital do Estado com o da iniciativa privada para que possamos promover efetivamente o desporto em todo o Brasil.

JS - No que concerne à política de alto nível do esporte, qual a participação que seria o Comitê Olímpico Brasileiro, que congrega todas as 32 Confederações Desportivas Brasileiras?

Collor - Isso tem que se enquadrar neste organograma. Teríamos, a partir do momento em que as criasse esta secretaria vinculada à Presidência da República, que estabelecer o seu organograma. Os órgãos existentes no Brasil dedicados aos esportes se interligariam com esta secretaria e o Comitê Olímpico faria parte.

JS - Pode o candidato assumir o compromisso de escolher para os cargos de direção do desporto brasileiro pessoas competentes e com experiência comprovada ao esporte, sem a obrigação da vinculação par-

tidária?

Collor - Quero fazer isso não só com relação ao esporte, mas em vários outros casos. Temos que escolher pessoas pela sua competência, correção, pelo seu talento e pela vontade de executar naquela área algum trabalho efetivo. E não posse, sobretudo em uma questão tão sensível como é o desporto, deixar de escolher pessoas credenciadas para tanto. Poderia, inclusive, afirmar que o nome que irá ocupar esta secretaria. Vocês que estão ligados ao esporte nacional, irão me oferecer uma lista de cinco nomes. Assumo desde já este compromisso. É apenas vocês dizerem quem seriam as pessoas que formariam esta lista. Caso venha a ser eleito, tirarei um nome que venha ocupar a secretaria no futuro governo.

JS - A Lei 7.752, de 14 de abril de 1989 em vigor, prevê benefícios físicos e jurídicos, que contribuem para o desenvolvimento dos esportes. Pode o esporte contar com o apoio do candidato na consolidação desse diploma legal?

Collor - Tudo isso estará ligado a esta nova formulação. E não só com relação a esta questão de lei vetada pelo Presidente Sarney, mas também o de Loteria Esportiva, que foi criada para que os recursos da venda das apostas fossem destinados à ajuda ao esporte de uma maneira geral. Estamos vendo que a cada dia o dinheiro vem diminuindo, porque sempre se estabelecem outras atividades como mais prioritárias. Teremos que rever tudo isto. A instituição de uma secretaria nesse nível exige também, do ponto de vista orçamentário, que se diga de onde virão os recursos que irão sustentar esta atividade.

JS - No seu Governo está prevista o amparo às práticas desportivas de menores carentes e às pessoas portadoras de deficiências?

Collor - Vimos com satisfação pelo noticiário da imprensa que um jovem deficiente bate um recorde na natação. Enfim, é claro que temos de incentivar isso tudo. Temos que integrar o deficiente à prática do esporte e à vida. Como ser humano ele tem muito o que dar ao desenvolvimento do país e, principalmente, ao esporte.

JS - Os clubes no Brasil são as unidades básicas do processo do desenvolvimento histórico do desporto brasileiro. Quais as medidas que o Governo de V. Sa. irá tomar para incentivar as associações desportivas?

Collor - Não só às associações desportivas, mas também aos clubes de futebol. Fui presidente do CSA de Alagoas e ainda, como Governador me perguntavam sobre as dificuldades. Perto do que sofri como presidente do CSA, o Governo do Estado de Alagoas foi uma brincadeira. Só quem foi presidente de um clube de futebol nesse País sabe o que se sofre. Os clubes pequenos vivem de acordo com as contribuições dos conselheiros. Quando o time ganha, todos colaboram. Quando perde, só recebe os xingamentos. É em grande trabalho, e a cobrança que se tem no meio da rua é grande também. Acho que poderemos trabalhar em cima da profissionalização do esporte e do incentivo ao esporte amador, que é onde começam a nascer os novos talentos e os futuros campeões.

JS - O futebol no Brasil o esporte de maior popularidade. O seu governo apoiaria a candidatura do nosso país para sediar a Copa do Mundo de 1990?

Collor - Eleito presidente da República, o meu amigo João Havelange vai ficar atormentado, porque não vou largar o pé dele até que consiga para o Brasil sediar a Copa do Mundo de 98. Sem dúvida.

JS - Qual a mensagem final que o candidato deseja enviar à comunidade esportiva brasileira?

Collor - Temos que continuar tendo uma enorme confiança no futuro deste país. O Brasil é muito maior do que as elites dirigentes. Estão levando o Brasil para esta desesperança, para este desencanto e, para o momento de graves dificuldades. Não é possível continuarmos na situação em que nos encontramos. É necessário quebrar este círculo vicioso da miséria, da fome, da falta de seriedade. É necessário que acabemos com a impunidade, com a falta de vergonha que alguns dirigentes deste país estão dando todos os dias. E por isso mesmo nada é feito. Apesar de todas as dificuldades, pelo menos da minha parte, posso afirmar que pode haver alguém que confie tanto no futuro deste país, mas ninguém confia mais do que eu. Acredito no Brasil, e que poderemos resgatar para esta Nação os ideais de dignidade, caráter, vergonha, trabalho, seriedade, dedicação e vontade de crescer economicamente, e estabelecer o bem estar social! Trazer melhores salários e condições de vida. É esta confiança que me anima nesta

luta que enfrento em meio a tantos "cardeais" da velha guarda da política. Mas é este ideal que está me animando a prosseguir nesta caminhada. E, para prosseguirmos, quero clamar as que se unam a nós, para que façamos um mutirão fiscal ao Brasil, de modo a estabelecer as condições próprias, para que tenhamos um país mas digno, livre, justo e independente.

B) O PRESIDENCIÁVEL MÁRIO COVAS E O ESPORTE *

JS - Qual o entendimento do Candidato sobre a organização atual do esporte no Brasil, e quais as prioridades que o candidato irá adotar para estabelecer mais a política de esportes nos seus programas de Governo?

Covas - A estrutura organizacional do esporte no Brasil é totalmente anacrônica. O PSDB não pensa em criar um Ministério do Esporte. Não vemos razão para a sua criação. O que nos parece ser absolutamente necessária é a vontade política. É a participação do esportista. E isso se faz tranquilamente através de uma secretaria que seja capaz e ligada à Presidência da República. Todavia, essa secretaria no nosso Governo não será apenas de esportes. Será de Educação Física e Esporte. A educação física, que tem uma relação com o próprio processo educacional e que tanto se discute a sua subordinação ao Ministério da Educação, nos parece ficar bem localizada na medida em que esteja identificada com o esporte. Mas terá que fazer um trabalho de base para a cidadania, tal qual a educação. Essa secretaria teria como padrão normativo o Conselho Nacional de Educação Física e Desportos. Vemos isso como melhor estrutura no sentido de afirmar a importância do esporte. Hoje, não se iludam: esporte é prestígio internacional, inclusive. Não é sem razão que determinados países com três milhões de habitantes - como Cuba - acabam criando esportistas. Nascidos numa população que não chega a um pouco mais de dois por cento da população brasileira, quem, afinal, acabam produzindo resultados no esporte, que nascem de um processo de massificação.

JS - Na atual Constituição, está previsto no Artigo 217 o dever do Estado em

* Reprodução das Perguntas e Respostas da entrevista realizada e editada pelo Jornal dos Sports de 02/06/89.

formação para as pessoas o direito da prática desportiva. Quais as diretrizes estabelecidas ao Governo de V. Sa. para a Educação Física?

Covas - O texto Constitucional foi fêlo num aspecto, porque não fez referência à prática de educação física nas escolas. E aí que ela se situa. Para oferecermos uma importância fundamental à Educação Física, eu apontaria a seguinte questão: a sua implantação na pré-escola que é na idade em que se desenvolvem determinadas potencialidades do ser humano. E, para conseguir isso, tem que se começar muito cedo.

JS - Que tipo de participação terão as Instituições esportivas e de educação física em seu Governo?

Covas - Através da Secretaria e do Conselho Nacional. Este será o órgão normativo e consultivo capaz de formular para o Congresso Nacional o tipo de política esportiva que o País terá.

JS - A criação de um Centro de Educação Física integrando ensino, pesquisa e desporto é imperativo e prioritária para melhorar o desporto no Brasil, e as condições de saúde da população. O candidato irá criá-lo a curto prazo?

Covas - A resposta aqui neste instante ser assim. Mas não seria honesta. E já criou muito verbo para fazer conclusões deste tipo. Na cidade onde fui prefeito, há um centro excepcional de treinamento e alguns dos grandes craques saíram de lá. Me lembro que o Brasil havia conquistado um torneio internacional de vôlei e tanto Amauri quanto Montanaro estudaram ali dentro, mas é preciso ver dentro da prioridade, como se insere e como os recursos serão dimensionados. Não há dúvida ser este um dos caminhos.

JS - Quais as medidas que o candidato vai tomar para incentivar os esportes olímpicos para que o Brasil possa melhorar a sua posição no cenário internacional?

Covas - O normal é dizer que o Governo não fez nada. Não estimulou e não deu dinheiro para que tal atleta pudesse fazer isso. Temos que começar a criticar pelo fato de não massificar. Porque no dia em que massificar, as medalhas vão aparecer; Sei que eles aparecem sem esta massificação. De repente surgem um Adauto Domingos, um Robson Caetano, de extrema competência. E quando você percebe, tal qual os grandes cérebros brasileiros, eles escapam do país, e começam a treinar no exterior.

Outro dia me perguntaram como se faz para evitar a evasão de divisas neste país. Só conheço um jeito. Fazer com que seja mais interessante para o cidadão não fazer a evasão de divisas. Como se evita o contrabando de ouro? É pagando ao garimpeiro o preço do ouro, no mínimo igual ao que ele custa lá fora. No dia em que você democratizar o esporte, vai acontecer a mesma coisa que se democratizar a política, a educação e a saúde. Enfim, você vai ter democracia no esporte, e, conseqüentemente, liderança no esporte.

JS - No que concerne à política de alto nível do esporte, qual a participação que terá o Comitê Olímpico Brasileiro que congrega todas as 32 confederações desportivas brasileiras?

Covas - No que se refere à participação do Comitê Olímpico nas olimpíadas, cabe representar o esporte nacional junto ao Comitê Olímpico Internacional. E do Comitê Olímpico Brasileiro participam as federações. Portanto, não cabe ao Governo perguntar como isto poderia acontecer. Cabe perguntar às confederações e ao Comitê Olímpico Brasileiro como vai ocorrer. Se as coisas não caminharem bem, o Presidente da República vai para a televisão dizer que o Comitê Olímpico não trabalhou bem.

JS - Pode o candidato assumir o compromisso de escolher para os cargos de direção do desporto brasileiro pessoas competentes e com experiência comprovada ao esporte, sem a obrigação da vinculação partidária?

Covas - Ser político não obriga a ser competente. E ser competente, não desobriga a ser público. Para mim, política e competência podem caminhar juntas. No meu Governo, quem for convocado para ocupar um cargo será por competência. Mas não vou colocar no cargo um cara que seja contra a política do meu partido, no sentido da sua visão da sociedade.

JS - A Lei nº 7.751 de 14 de abril de 1989, em vigor, prevê benefícios gerais para as pessoas físicas e jurídicas, que contribuirão para o desenvolvimento do esporte. Pode o esporte contar com o apoio do candidato na consolidação desse diploma legal?

Covas - Acho que, no mínimo, se você arranjar condições melhores, esta será a melhor solução. Temos a nosso favor esta lei que é de autoria do deputado Mendes Theme. Um grupo de esportistas que fez muito pelo esporte brasileiro, esteve no

Congresso, batalhando, não apenas na fase de aprovação mas na do meio também. Não há coisa que se conquista em democracia, que não seja resultado de luta.

JS - A Loteria esportiva foi criada com a finalidade específica de gerar recursos financeiros para o desporto nacional. No entanto, esses recursos são desviados para outros fins, sob as mais diversas justificativas. O Governo de V. Sa. pretende rever a aplicação desses recursos visando amparar as atividades esportivas?

Covas - Não sei qual a razão, nem o seu destino. Mas se é legal, quem sabe se para variar um pouco deste país começamos a cumprir a lei. Não é muito comum, mas, afinal, quem sabe se podemos adotar a prática tão simples de pegar a lei e cumprí-la. Acho que evitaríamos uma série de problemas, se nos acostumássemos a fazer isto, não só no esporte como em todas as outras atividades. Se a Loteria Esportiva está desviando dinheiro destinado por lei ao esporte, no mínimo, alguma legalidade está acontecendo.

JS - No seu Governo está previsto o amparo às práticas desportivas dos menores carentes e pessoas portadoras de deficiência?

Covas - É fundamental. Se falamos em manifestação temos que falar em todos, sejam deficientes ou não.

JS - Os clubes no Brasil, são as unidades básicas do processo do desenvolvimento histórico do desporto brasileiro. Quais as medidas que o Governo de V. Sa. irá tomar para incentivar as Associações Esportivas?

Covas - É preciso respeitar a autonomia de cada clube, e é preciso permitir que cada um tenha a sua própria dimensão, sua camisa. Acho que com aplicação da lei é perfeitamente possível usar o clube como um dos canais através dos quais o incentivo possa ocorrer.

JS - A co-participação da iniciativa privada é fundamental nos dias de hoje para a execução dos projetos esportivos. O candidato pretende criar novas medidas de atração para o incremento da iniciativa privada no desenvolvimento do esporte?

Covas - Acho que sim. Ela acaba de instalar neste país que é voltado exclusivamente para a prática do esporte. Nos Estados Unidos, você tem pelo menos dois ca-

nais de televisão com a programação inteira de esporte. Evidente que lá se concilia uma prática de marketing com esporte. É uma forma de estímulo de benefício fiscal, além do fato de que o esporte é, em si, um excepcional instrumento de marketing e promocional.

JS - O futebol no Brasil é o esporte de maior popularidade. O Governo de V. Sa., apoiaria a candidatura do nosso país para sediar a Copa do Mundo de 1998?

Covas - Acho que, em princípio sim. Quanto mais quando o Brasil ganha a Copa fora do Brasil. Tem que examinar o custo-benefício disso. Os para se comprometer, de início porque se há um esporte nesse país capaz de se pagar é o futebol. Em princípio, dá para fazer um compromisso com a sustentação da sede do Brasil para o Mundial de 98.

JS - Qual a mensagem final que o candidato deseja enviar à comunidade esportiva brasileira?

Covas - O esporte é um eterno esquecido. Alguém disse que a educação nem sempre é lembrada neste país, mas o esporte é sempre esquecido. Acho que não é tão verdadeiro, porque existem milhares de pessoas mais idealistas voltadas para necessidade de construir alguma coisa. Se há algum setor que se pode falar disso é exatamente o esporte.

C) O PRESIDENCIÁVEL AFIF DOMINGOS E O ESPORTE *

Menor participação do estado e um maior incentivo das empresas privadas no esporte. São essas as duas metas básicas do candidato à Presidência da República pelo Partido Liberal. Guilherme Afif Domingos, em termos de esporte no Brasil, caso seja eleito. O presidenciável compareceu ontem ao Simpósio Presidenciável do Desporto, realizado no Salão Nobre do Fluminense, e expôs os seus planos e idéias frente a uma platéia ligada ao esporte no Brasil. Hoje será a vez do candidato do Partido Comunista Brasileiro, Roberto Freire. Ele comparece às 16 horas no mesmo local.

Em relação aos dois pontos básicos da sua plataforma esportiva, Guilherme Afif Domingos conseguiu separar até que ponto o estado terá que intervir na formação dos

* Reprodução da matéria editada pelo Jornal dos Sports de 16 de junho de 1989.

desportistas brasileiros e qual o caminho para o apoio das empresas privadas no setor. Segundo o candidato, o estado interveio demais no setor esportivo, inibindo a livre iniciativa de entendimento entre empresários e atletas. O estado deve somente criar as formas para que todos tenham as mesmas condições de prática esportiva.

- O estado entra na preparação da base de igualdade de oportunidade. Daí para frente vamos competir.

Para demonstrar o papel do governo na prática e desenvolvimento desportivo, Guilherme Afif Domingos baseou-se em que o Brasil vive atualmente uma crise econômica, onde a inflação não permite que o estado possa fazer as reformas necessárias para o desenvolvimento educacional, alimentar e urbano, que desembocariam numa melhor-qualidade desportiva brasileira.

- Quando a situação econômica estiver estável, poderemos realizar três revoluções que fazem parte do nosso programa de governo. A primeira é a revolução verde, onde nos tornaríamos o maior produtor mundial de alimentos. Sem alimentação não tem educação, não tem competição e não tem esporte.

Continuando a sua explicação, Afif Domingos declarou que a segunda revolução seria urbana, onde haveria um planejamento integrado de habitação, lazer, esporte e educação, com cada área escolar agregada a uma área que permita a prática do esporte. A terceira revolução seria a educacional e tecnológica.

- Nós não temos Educação Física nas escolas. A aula de Educação Física é colocar um professor com apito no pescoço e uma bola, chamando todos para a recreação. Na minha opinião, a Educação Física é a criança entender seu físico, a alimentação adequada e a sua musculatura.

Segundo o candidato, sem esses três aspectos básicos há uma falta de cultura gerada pela falta de Educação Física que tem berço no ensino escolar. Assim, o estado daria um apoio nos três pontos básicos: alimentação, educação integrada com a prática esportiva e um melhor entendimento da Educação Física.

INICIATIVA PRIVADA

Quando o estado gerar recursos humanos para formar uma equipe de alto nível, começa então o papel da iniciativa pri-

vada, através do marketing do esporte: um apoio via patrocínio.

- Existe um falso dilema entre o esporte amador e profissional. Na verdade, não existe mais o amador, na medida que as organizações de todo o mundo conseguiram mobilizar o empresariado para o marketing do esporte.

Para dar um exemplo da importância no investimento do esporte, o esportista, Guilherme Afif Domingos, relatou que nos Estados Unidos as verbas publicitárias para o marketing do esporte são superiores às verbas destinadas ao marketing da venda dos automóveis. E isto possui uma razão:

- O esportista é um vencedor em todo o mundo, é uma pessoa que busca vencer limitações, é alguém sadio. O atleta oferece rápido retorno aos investimentos que ocorrem.

Com essas duas colocações, Guilherme Afif Domingos pretende restringir a participação do estado, que segundo ele envolveu-se em excesso no esporte, dando uma maior oportunidade de competição dos atletas em busca de recursos.

- Empresários do Brasil preparem-se, vamos assumir o risco e trazer a Copa do Mundo para cá - avisou Guilherme Afif Domingos, que na sua opinião houve uma ausência de coragem dos dirigentes, que perderam a oportunidade de sediá-la em 94.

Com essa declaração, o candidato do PL à Presidência da República deu sinais de que se for eleito muita coisa irá mudar na prática desportiva no Brasil. A primeira é a criação de um Conselho Desportivo, subordinado diretamente à Presidência da República. O candidato disse que não criará o Ministério do Esporte, mas que esse conselho irá abrigar as estruturas responsáveis pela viabilização do esporte no Brasil. Ligado diretamente ao Conselho estaria o Comitê Olímpico Brasileiro, que segundo Afif Domingos possui uma legislação superada e práticas equivocadas, que podem ser julgadas pelo número de medalhas olímpicas conquistadas.

Outra novidade é a aprovação da lei de Incentivos Fiscais ao Esporte. Mas Afif Domingos ressaltou que irá olhar com bastante cuidado a sua implantação, pois existem alguns desvios na sua formação. Em relação ao quadro administrativo que ficará ocupado do esporte no seu governo. O candidato do PL se apressou em afirmar que não mistura competência com prática partidária.

Ele irá trabalhar somente com pessoas que possuem convicção.

No aspecto da arrecadação da renda da Loteria Esportiva, Afif Domingos ironizou, declarando que os recursos arrecadados através da Loteria não são os únicos a serem desviados no país. Porém, o candidato colocou a proposta de que esses recursos têm que ajudar somente o esporte e para tal devem ser redistribuídos proporcionalmente com a quantidade arrecadada nos estados, e não fazer parte da política tributária do governo.

D) O PRESIDENCIÁVEL PAULO MALUF E O ESPORTE *

JS - Qual a sua opinião sobre o Simpósio?

Maluf - Acho este Simpósio muito oportuno, porque nada mais é do que um compromisso pedagógico de uma campanha eleitoral. Campanha eleitoral e compromisso que tem de ser cobrado, e, desta forma, é que se alcança o desenvolvimento de um país, pois o candidato tem compromissos a cumprir. Tenho uma experiência de eleições e sei que existe uma tendência durante as campanhas eleitorais de os candidatos prometerem tudo, e depois que se sentarem em uma cadeira, se esquecerem dos compromissos e fazerem tudo ao contrário. Porém, na verdade, não existe uma mentalidade de cobrança no brasileiro. E acho que não preciso exaltar o esporte aqui, pois seria chover no molhado.

A segunda coisa importante que considero é verificar a vida pregressa do candidato. Às vezes, ele promete tudo, embora no passado nunca tenha feito nada pelo esporte. Então eu vou me permitir contar um pouco de história do desportista Maluf que, quem sabe, muito dos senhores desconhece, para depois colocar a posição do eventual presidente da República. Eu aprendi desde cedo que quando uma criança gasta suas energias com esporte ela não gasta com o tóxico, com o fumo, ou a bebida. Na verdade, praticando esporte ela não só faz bem para a sua saúde como também gasta o seu excesso de energia. Então, desde os seis anos de idade eu pratico esporte.

Acho que o esporte é uma complementação da educação. E se alguém me

perguntar se eu prestigiei o esporte nos diversos cargos públicos que já ocupei, digo que sim. Eu diria que no meu primeiro cargo de projeção, há 20 anos, como prefeito da cidade de São Paulo, criei a Secretaria Municipal de Esporte e convidei para ser o secretário a figura legenda de Carlos Joel Nely, que era o presidente da Fundação Gasper Libero e presidente da Gazeta Esportiva. Também construímos diversos Centros Educacionais Esportivos. Este Centro é o clube de pobre. Quer dizer, o rico pode pagar uma mensalidade, ao contrário do pobre. Então, nós construímos na periferia de São Paulo 10 clubes que recebem em média de 10 a 20 mil pessoas aos domingos.

Outro cargo público em que pude mostrar que sou amigo número um dos esportes foi quando governei o Estado de São Paulo. Nesta época, construímos no interior do Estado mais de 200 piscinas olímpicas municipais. É difícil encontrar no interior de São Paulo uma cidade de cinco ou oito mil habitantes que não tenha a sua quadra de esportes ou piscina olímpica. Mas é importante saber que fizemos a piscina através de convênio com a Prefeitura, pois sou contra a centralização. Temos que descentralizar, porque desta forma os fiscais para a manutenção destes espaços são os próprios frequentadores e o prefeito.

Vou revelar em primeira mão, hoje um fato que poucos sabem. Em 1980, quando havia a disputa para a sede dos Jogos Olímpicos de 88, o Comitê Olímpico se mostrava pouco propenso a aceitar a oferta da Coréia por achar o país muito pequeno e com algumas dificuldades estruturais. Então, nós fizemos um levantamento em São Paulo de todos os campos de futebol existentes no Estado, além das piscinas e quadras. Ficou claro que São Paulo necessitaria de pouco investimento para realizar uma Olimpíada, acrescentando-se o fato de a cidade possuir uma ótima rede hoteleira. E em segundo lugar, ficou evidente que faríamos uma propaganda do Brasil para o mundo inteiro. Dai, eu fiz um ofício para o Presidente da República, que acabou não sendo entregue. Eu fui desaconselhado pelas autoridades olímpicas brasileiras a enviá-lo. Elas diziam que já havia compromisso com a Coréia. Então eu, governador de São Paulo, tive de lutar contra os brasileiros que não desejavam a instalação da Olimpíada.

* Reprodução das perguntas e respostas da entrevista realizada e editada pelo Jornal dos Sports de 22/06/1989.

Tudo isto que falei representa uma garantia no futuro, para que o Presidente possa mostrar que tem como meta principal do seu governo o esporte.

JS - O que o candidato pensa sobre a organização atual do esporte no Brasil e quais as prioridades para estabelecer uma política de esporte ao seu governo?

Maluf - A verdade é a seguinte: em termos de esporte, o Brasil deixa muito a desejar. Por exemplo. Eu fico perplexo quando vejo nas Olimpíadas países com população inferior conquistando muito mais medalhas que o Brasil, que possui uma população de 140 milhões de habitantes. Nós trazemos menos que a Jamaica, que tem um milhão de habitantes, ou Cuba, que tem oito milhões. Temos quantidade, mas não temos qualidade. A visão destes fatos me dá a certeza de que o Governo deve investir no esporte.

JS - Como vê a criação de um Ministério ou uma Secretaria a nível ministerial?

Maluf - Acho que isso pode soar demagógico. Mas acho que a idéia da criação de secretaria de esporte subordinada diretamente à Presidência da República me parece que burocraticamente vai-se gastar menos. Eu adorarei a criação de uma secretaria caso seja eleito.

JS - A criação de um centro de capacitação física, integrando pesquisa, ensino e desporto é prioridade para melhorar o desporto no Brasil. O candidato irá criá-lo a curto prazo?

Maluf - O Brasil necessita de vários Centros de Capacitação: de ensino, pesquisa e prática. Acho que devemos construir diversos centros por todo o Brasil. Isto não custa muito dinheiro. Por exemplo, o governo pode parar de construir a Ferrovia Norte-Sul e, com este dinheiro, construir uns 200 centros de capacitação.

JS - Quais as medidas que o candidato tomará para incentivar os esportes olímpicos a fim de que o Brasil possa melhorar sua posição no cenário internacional?

Maluf - Fico muito triste quando vejo que os destaques brasileiros são conseguidos através de esforços individuais. Veja o exemplo de atletas que para obterem estes resultados têm de treinar no exterior. Isto é lamentável.

JS - O candidato pode assumir o compromisso de escolher pessoas para os cargos do esporte, sem a obrigação da vinculação partidária.

Maluf - Eu diria que é só isso que vai acontecer. Quando procurei os meus secretários, escolhi homens pelas suas capacidades, sem perguntar os partidos destes homens. Sou contra nomeação de parentes. No esporte, procurarei desportistas.

JS - O candidato, se for eleito, pretende rever a aplicação dos recursos da loteria federal, visando amparar as atividades esportivas?

Maluf - Eu nem sei se este dinheiro está sendo empregado em alguma coisa ou se está sendo desviado. Eu confesso que tenho muita dúvida que este dinheiro tenha sido empregado no esporte ou em outras aplicações, pois o valor é muito alto.

JS - Quais as medidas que o seu governo tomará para incentivar as associações esportivas.

Maluf - Os Clubes são os verdadeiros representantes da livre empresa. Acho que o importante é prestigiar os clubes, entidades privadas e grêmios.

JS - O candidato pretende incrementar novas medidas para atração da iniciativa privada ao desenvolvimento do esporte.

Maluf - Sim. Existem várias maneiras de incentivar o esporte. Ter quadras ao lado das fábricas é uma das maneiras.

JS - O candidato apoiaria a indicação do Brasil à Copa do Mundo de 98?

Maluf - Sim. Da mesma forma que incentivo o Brasil a sediar uma Olimpíada. Há autoridades que não parecem ser estadistas e não percebem o quanto é positivo para o país a realização de um campeonato mundial de futebol.

E) O PRESIDENCIÁVEL LUIS INÁCIO LULA DA SILVA E O ESPORTE *

JS - Qual o entendimento do candidato sobre a organização atual do esporte no Brasil e quais as prioridades que o candidato irá adotar para estabelecer uma política de esportes no seu programa de governo?

* Perguntas encaminhadas por Jornalistas ao Candidato Luis Inácio Lula da Silva e respondidas com a colaboração da Assessoria do Partido dos Trabalhadores.

Lula - Podemos afirmar, categoricamente, que o Esporte em nosso governo, vai ser mais respeitado do que em qualquer outro momento da nossa história. Isso porque olharemos para ele com olhos de quem o vê não apenas como uma "prática esportiva", mas sim como uma das manifestações culturais mais significativas do mundo contemporâneo.

Com relação à estrutura desportiva brasileira, interessante se faz realçarmos as semelhanças entre ela e a própria estrutura sindical brasileira. Em ambas vamos encontrar características organizacionais eminentemente corporativas, autoritárias, filhas que foram dos mesmos pais: o Estado Novo. Notem o caráter verticalista presente em suas estruturas: no Esporte temos, na base, os clubes, que devem filiar-se às Federações, que por sua vez devem filiar-se às Confederações e por último, subordinarem-se todas, às determinações normativas do CND. O mesmo acontece na estrutura sindical, subordinada à conveniência do Ministério do Trabalho que também não admite a possibilidade de existência de organismos que se relacionem ou se estruturam horizontalmente.

Infelizmente para o Esporte, as semelhanças pararam por aqui. Enquanto a história do movimento sindical brasileiro nos mostra a luta vitoriosa contra este estado de coisas (vide a CUT, a CGT e os avanços contidos na nova Constituição brasileira) no esporte isso não ocorreu. Tal o desafio. Fazer com que, também no esporte, os dias do autoritarismo estejam contados.

JS - Mais de 30 países, inclusive as grandes potências em todo o mundo, adotam o sistema de um único órgão governamental na direção do desporto, diretamente subordinado à Presidência da República. Como vê V. Sa. a criação no seu governo de um Ministério dos Esportes ou de uma Secretaria, a nível ministerial?

Lula - Um governo verdadeiramente popular e democrático tem o dever de agilizar os mecanismos que facilitem o processo de democratização do país. No caso do esporte, seria necessário estabelecer-se um fórum de discussão ampla para definir-se sobre a necessidade e viabilidade de criação de um Ministério dos Esportes ou de uma Secretaria a nível ministerial.

JS - Na atual Constituição está previsto no art. 217 o dever do Estado em garantir às pessoas o direito da prática des-

portiva. Quais as diretrizes que serão estabelecidas no governo de V. Sa. para a Educação Física?

Lula - Quando falamos de Educação Física, temos que ter claro que aquela que ocorre no interior do sistema escolar brasileiro deve ser tratada no conjunto das questões pertinentes à política educacional. Nesse sentido vimos acompanhando as ações que vem sendo desenvolvidas pelas entidades representativas dos trabalhadores da educação - de natureza sindical e científica, em conjunto com políticos progressistas - em torno da elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Vemos com bons olhos o entendimento da contemplação da Educação Física no contexto escolar enquanto disciplina curricular e não como atividade, como hoje ocorre. Isso significa dizer, basicamente, que entendemos a Educação Física como um fenômeno cultural e como tal, produto da ação humana, dotada de historicidade, de saber, história e conhecimento esses que devem ser democratizados de forma a se poder construir uma cultura corporal e esportiva na perspectiva da construção do homem e da sociedade socialista.

JS - Que tipo de participação terão as instituições esportivas e de Educação Física em seu governo?

Lula - A mais ampla possível. É preciso ouvir as mais de 100 (104) Escolas Superiores de Educação Física no país, as APEF's (Associações dos Professores de Educação Física), a comunidade científica desta área (ex. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte), Confederações (32) e Federações, Clubes, Ligas, enfim todos os segmentos esportivos organizados da sociedade, para que possamos juntos estabelecer uma política progressista em esporte para o Brasil.

JS - A criação de um Centro de Capacitação Física integrando ensino, pesquisa e desporto é imperativa e prioritária para melhorar o desporto no Brasil e as condições de saúde da população. O candidato irá criá-lo a curto prazo?

Lula - A questão da capacitação física do nosso povo ou mesmo dos nossos atletas de alto nível não pode ser vista isoladamente das questões mais amplas da condição de vida de cada pessoa. A saúde, por exemplo, para nós, não é simplesmente a ausência de sintomas de doenças, mas muito mais do que isso. Saúde significa um estado dinâmico de bem estar físico e men-

tal estabelecido pelas condições sociais concretas em que as pessoas vivem. Portanto, melhor saúde significa melhor salário, melhor habitação, melhor transporte, melhor assistência médica, melhor possibilidade de prática desportiva e de lazer. Nessa perspectiva, a criação deste centro que vocês sugerem pode ser pensada.

JS - Quais as medidas que o candidato irá tomar para incentivar os esportes olímpicos a fim de que o Brasil possa melhorar a sua posição no cenário internacional?

Lula - Cabe ao governo criar condições para que todos possam ter oportunidade de praticar esportes e atividades físicas. Deve também garantir a possibilidade de um constante aprimoramento técnico dos nossos especialistas, facilitando o intercâmbio entre eles, e deles com os centros mais desenvolvidos neste setor, como Cuba, Estados Unidos, União Soviética, Alemanha Oriental e Ocidental, etc. Quanto ao apoio aos talentos esportivos, muito pode ser feito a partir de um esforço conjunto entre o Estado e a iniciativa privada. O Brasil não deve ir aos Jogos Olímpicos com a pretensão de ganhar todas as medalhas, mas pode, muito bem, dar ao mundo uma lição de participação, de graça, de espírito verdadeiramente lúdico, esportivo, mesclado com algumas conquistas.

JS - No que concerne à política de alto nível do esporte, qual a participação que terá o Comitê Olímpico Brasileiro, que congrega todas as 32 Confederações Desportivas Brasileiras?

Lula - O papel a ser destinado ao C.O.B. na estrutura desportiva brasileira, deve ser pensado no conjunto do redimensionamento pelo qual deverá passar todo o sistema desportivo nacional, por conta até do preceituado no artigo 217 da Carta Constitucional. É certo que deverá ter a característica centralizadora que hoje possui. Porém, se é correto que toda descentralização implica em transferência de poder, é também verdadeiro que para ocorrer, tal descentralização deve se apoiar em uma diretriz político-filosófica - a ser elaborada pelo governo, em conjunto com a comunidade esportiva - inequívoca, sob a qual deverão ser estabelecidos os seus limites de ação.

JS - Pode o candidato assumir o compromisso de escolher para cargos de direção do desporto brasileiro pessoas competentes e com experiência comprovada no

esporte, sem a obrigação da vinculação partidária?

Lula - Os cargos de direção do esporte brasileiro devem estar entregues, evidentemente, à pessoas competentes e que assumam o compromisso com um plano de governo popular e democrático. Desde que haja este compromisso, a questão partidária passa a ser secundária.

JS - A Lei nº 7.752, de 14 de abril de 1989, em vigor, prevê benefícios fiscais para as pessoas físicas e jurídicas, que contribuírem para o desenvolvimento dos Esportes. Pode o Esporte contar com o apoio do candidato na consolidação desse diploma legal?

Lula - Temos que ter claro que uma política de Esportes deve se constituir parte integrante de uma política de governo, e que esta não se constrói através da soma das diversas políticas setoriais mas sim através da interação delas numa mesma totalidade. Assim, em um governo legítimo, com credibilidade, compete a ele dar destino à arrecadação fiscal, buscando dar conta de atender ao conjunto das necessidades sociais indicativas da qualidade de vida de um povo, tais como saúde, educação, habitação, trabalho, lazer...

... Queremos frizar a necessidade da existência de um governo legitimamente constituído. Em um governo que tem a construção da ferrovia norte-sul como primeira prioridade, a exarcebação dos interesses setoriais em detrimento daqueles relativos à sociedade como um todo, passam a ser vistos como perfeitamente cabíveis.

JS - A loteria esportiva foi criada com a finalidade específica de gerar recursos financeiros para o desporto nacional. No entanto, esses recursos são desviados para outros fins, sob as mais diversas justificativas. O governo de V. Sa. pretende rever a aplicação desses recursos, visando amparar as atividades esportivas?

Lula - Poderíamos responder a esta pergunta, no caminho adotado na resposta da anterior. Porém há uma outra questão no interior dessa formulada, que a precede. É aquela que diz respeito à própria existência dos "Jogos de Azar", nos quais a loteria esportiva se enquadra. Tais jogos ludibriam os mais simples da nossa gente, com a possibilidade da riqueza fácil, fortuita, ao mesmo tempo que diz, em suas entrelinhas, que somente por essa via - e não pelo trabalho, pelo desenvolvimento sócio-econômico do país - ele poderá "melhorar de vida". Creio

que é essa questão de fundo que deve ser respondida pela sociedade brasileira.

JS - No governo de V. Sa. está previsto o amparo às práticas desportivas de menores carentes e às pessoas portadoras de deficiência física?

Lula - Achamos que esta questão dos menores carentes e das pessoas portadoras de deficiência física extrapola a dimensão do esporte em si. Estas crianças e estes deficientes não podem ser vistos como pessoas ou cidadãos de segunda categoria, e, portanto, devem ter acesso a todas as manifestações culturais do nosso povo, onde a cultura esportiva é uma delas.

JS - Os clubes no Brasil são as unidades básicas do processo do desenvolvimento histórico do desporto brasileiro. Quais as medidas que o governo de V. Sa. irá tomar para incentivar as Associações Esportivas?

Lula - A estrutura atual dificulta uma melhor sintonia entre o poder público e o clube, célula geradora da prática esportiva. Não podemos desconhecer que essas entidades se caracterizam por possuir personalidades jurídicas de direito privado. O governo deverá ter a sensibilidade necessária para entender e apoiar todos os esforços dessas associações no sentido de se fortalecer as bases desportivas em nosso país.

JS - A co-participação da iniciativa privada é fundamental, nos dias de hoje, para a execução dos projetos esportivos. Pretende o candidato criar novas medidas de atração, para o incremento da iniciativa privada no desenvolvimento do Esporte?

Lula - Tudo o que puder ser feito para viabilizar a política de Esportes do nosso governo, voltada para a elevação do nível da cultura corporal e esportiva do brasileiro, será feito, respeitando-se sempre o princípio de que um interesse setorializado não pode ser colocado acima dos interesses da sociedade em seu conjunto. Assim, todos os setores da sociedade que estiverem dispostos a dar a sua parcela de contribuição para a consecução da nossa política de governo, serão recebidos e tratados como companheiros de luta no soerguimento deste nosso país.

JS - O futebol é no Brasil, o esporte de maior popularidade. O governo de V. Sa. apoiaria a candidatura de nosso país, para sediar a Copa do Mundo de 1998?

Lula - Futebol e cultura brasileira são coisas inseparáveis. Portanto, qualquer iniciativa para apoiar este esporte deve ser

vista com bons olhos. Claro que a promoção de grande eventos esportivos, hoje em dia, envolve gastos elevados. Mas por outro lado algumas experiências recentes (ex. Seoul, Barcelona) têm demonstrado ser possível canalizar os recursos investidos na promoção esportiva, na direção de benefícios sociais permanentes para as cidades e países que bancam estes eventos. Exemplos: melhora dos sistemas de urbanização, de comunicação, etc. A análise da interação desses fatores é que nos levará a concluir pela viabilidade ou não dessa iniciativa.

JS - Qual a mensagem final que o candidato deseja enviar à comunidade esportiva brasileira?

Lula - Seria fácil responder às questões formuladas de modo a corresponder às expectativas daqueles que nos ouvem. Bastaria para isso dizer aquilo que, sabemos, muitos gostariam de ouvir. Se é fácil para muitos - principalmente em períodos eleitorais - para nós mais do que difícil soa como falso, hipócrita. Preferimos ser coerentes com os princípios morais, éticos, políticos que caracterizam o Partido dos Trabalhadores. Nem que isso venha a significar alguns votos a menos.